



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15523 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

PROJETOS DE LEITURA NO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI/BA: ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE AS REVERBERAÇÕES NA VIDA DOS SUJEITOS

Fabiola Chafin Gomes de Pinho - IFBA - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia

PROJETOS DE LEITURA NO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI/BA: ANÁLISE E REFLEXÃO SOBRE AS REVERBERAÇÕES NA VIDA DOS SUJEITOS

Palavras-chave: Juventudes, Experiências, Projetos de leitura.

1 INTRODUÇÃO

Este texto é parte da pesquisa de doutorado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento sobre projetos de leitura desenvolvidos com jovens em escolas públicas no município de Camaçari/BA, entre os anos de 2023 e 2025, a fim de identificar os impactos para a formação dos estudantes no que diz respeito ao campo literário, além da formação enquanto cidadãos.

A leitura pode proporcionar reflexões individuais, coletivas e sociais, a ponto de contribuir não só para a formação dos sujeitos enquanto leitores, mas também cidadãos e possíveis agentes transformadores de suas realidades. Existem muitas experiências exitosas sobre produções literárias socializadas e compartilhadas na *internet*: *saraus*, *coletivos*, *slams*, entre outras iniciativas promovidas por professores, poetas, artistas e escritores em vários lugares do país e do mundo. Contudo, ainda existem algumas lacunas nos estudos a respeito das discussões sobre as consequências e reverberações destes projetos na vida dos sujeitos.

Neste sentido, surge a proposta de desenvolver esta pesquisa, a fim de analisar e identificar os impactos das experiências literárias dos jovens a partir de projetos de leitura. Assim sendo, a questão-problema pode ser expressa nas

seguintes perguntas: De que forma a experiência com projetos de leitura pode mobilizar os jovens e suas potências? Como os jovens atribuem sentidos, produzem e comunicam suas identidades a partir dos projetos de leitura? Quais impactos sociais e políticos os projetos de leitura provocam na formação dos sujeitos?

É possível que as experiências com os projetos de leitura mobilizem os jovens e reafirmem seus sentidos interacionais e socioculturais e conseqüentemente, contribuam para a formação de sujeitos conscientes de suas realidades e dispostos a transformá-las. Todavia, para que todo este movimento possa acontecer é necessário permitir-se individualmente experienciar, para que a oportunidade de abrir os espaços para reflexão não seja esvaziada.

Os objetivos da pesquisa buscam: identificar como as experiências literárias a partir dos projetos de leitura mobilizaram os jovens e suas potências socioculturais; analisar como os projetos de leitura podem atribuir identidades e sentidos interacionais e socioculturais na vida dos jovens; identificar os impactos dos projetos de leitura para a formação social-cidadã; verificar como se relaciona a experiência literária e as juventudes e identificar as implicações dos projetos de leitura nos âmbitos sociais e políticos das juventudes investigadas.

O percurso metodológico pretende-se seguir caminhos apoiados na pesquisa-ação. Conforme preconiza Barbier (2007, p. 111) este tipo de pesquisa corresponde “a uma polarização de autonomia repleta de incertezas”. Ao apoiar-se na pesquisa-ação é possível abrir o campo da significação para todos os atores envolvidos, uma vez que este caminho pode favorecer a interação, o dialogismo, a afetividade, a escuta e a criatividade. Vale ressaltar que as orientações de Thiollent (1999; 2008) sobre a pesquisa-ação também poderão apoiar este estudo. Segundo o autor, esta metodologia “exige dos pesquisadores uma grande dedicação e o simultâneo domínio das questões teóricas e práticas da investigação” (1999, p.102).

Com o intuito de buscar maior familiaridade com o tema, a pesquisa inicialmente terá natureza exploratória. Conforme, preconiza Gil (2008), os procedimentos exploratórios auxiliam para a composição e delineamento do objeto de estudo, para que não se faça prenúncios do que poderá acontecer, mas sim averiguar as especificidades do campo empírico e seus atores.

Na sequência pretende-se percorrer caminhos de natureza descritiva, com o propósito de obter informações e firmar relações entre a empiria e o objeto de estudo, a partir dos diálogos propostos com os sujeitos envolvidos. Gil (2008, p.28) nos orienta sobre o diálogo entre as pesquisas de natureza descritiva e exploratória ao dizer que “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as

que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”. O autor afirma dessa forma que, é possível fazer essa relação, já que a proposta desta pesquisa compreende um ambiente social, cujas particularidades são subjetivas e os elementos para análise podem variar na interpretação.

A pesquisa também percorrerá caminhos de natureza explicativa, já que pode apontar e indicar orientações para as potencialidades dos jovens a partir das experiências leitoras, uma vez que ao identificar as variáveis que compõem o contexto em que a pesquisa está inserida, será possível inferir sobre a realidade, em virtude da importância de dar voz às juventudes que tanto demandam ação, fala e produtividade.

Vale ressaltar que antes de todo o processo de empiria será apresentado e entregue aos participantes, o termo de consentimento livre e esclarecido e demais termos necessários, em consonância com as resoluções do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, com o objetivo de legitimar os estudos.

A proposta da abordagem qualitativa completa a metodologia desta pesquisa, uma vez que busca a percepção dos fenômenos que acontecem no contexto das relações sociais. De acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31) as pesquisas qualitativas estão baseadas em estudos na esfera subjetiva do objeto investigado, com o intuito de identificar as especificidades de uma dada realidade.

Como trata-se de uma pesquisa em fase inicial, os resultados parciais revelam que os projetos de leitura podem contribuir para a formação social-cidadã dos jovens, conscientes de suas realidades e dispostos a transformá-las, visto que oportuniza-se a interação, o dialogismo, a afetividade, a escuta e o acolhimento dos saberes por eles expressos.

2 DESENVOLVIMENTO

Há anos, no mundo ocidental, inúmeras gerações vivenciam práticas leitoras, entretanto as experiências não são as mesmas, nem nunca serão. Darnton (1992, p. 221) esclarece:

A leitura é uma atividade que envolve uma relação peculiar, por um lado o leitor por outro lado o texto. Embora os leitores e os textos tenham variado segundo circunstâncias sociais e tecnológicas, a história da leitura não deve ser reduzida a uma cronologia dessas variações.

Ao ser considerada uma prática cultural e histórica, a leitura produzirá sentidos, uma vez que será inferida pelas experiências sociais, políticas, econômicas e ideológicas de cada sujeito. Para Goulemot (2011, p.108), “ler é dar sentido, e não encontrar o sentido que o autor deseja transmitir, pois implicaria na criação de uma relação entre o sentido desejado e o sentido percebido”. O autor completa: “ler é, portanto, constituir e não reconstituir um sentido”. Considerando as

afirmações do autor, compreende-se que a leitura nunca é ingênua, sempre estará vinculada a uma época, a um contexto social e histórico, de modo que as significações de práticas de leitura vão modificando-se e são múltiplas.

De acordo com Freire (1993, p.9) ler não é apenas decodificar os códigos da língua: “a leitura do mundo precede a da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Neste sentido, é possível dizer que o ato de ler pode ser considerado como uma prática capaz de introduzir outras formas de saber, e à medida que mobiliza outras relações, abre-se o campo da experimentação e da significação.

Ao pensar em experiência vale trazer Larrosa (2015, p. 18) quando trata dos sentidos e saberes. O autor afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada ida se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”.

Ao ler, o importante não é o que o texto diz, aquilo a que o texto se refere, e sim o que o texto nos diz, aquilo para onde o texto se dirige. Não se trata de revelar um saber sobre o texto, mas sim de fazer a experiência do texto. O importante não é do que fala o texto, mas para que fala, para onde fala, para que pessoa ou pessoas fala. Na leitura, o texto fala para nós, nos fala: fala para nossa escrita, para nossa conversação, para nosso pensamento, para nossa maneira de viver. (Larrosa, 2015, p. 142)

Aproxima-se aqui os estudos de Gonçalves (2014, p. 173), quando em seus estudos diz que “o contato, cada vez mais aprofundado com o texto literário serve de ponte para que os jovens extrapolem o lido e o associem a aspectos da própria vida, o que amplia suas funções estéticas” da literatura. Dessa forma, ao propor uma análise sobre os impactos que os projetos de leitura podem provocar na vida dos jovens, pretende-se identificar o que emergiu das experiências literárias e quais implicações reverberaram nos sujeitos, a ponto de ressignificar sua própria realidade.

Conforme Horellou-Lafarge e Segré (2010, p.17), “até o início do século XXI (...) ler era ler livros”, contudo com o avanço tecnológico que houve neste último período da História, a soberania do livro se desfez, devido à variedade e ampliação dos suportes de leitura. Em se tratando de juventude contemporânea, estes suportes são bem heterogêneos; diversidade e heterogeneidade parecem ser elementos sempre presentes nas culturas juvenis. Para Groppo (2000) as vivências juvenis passam pela formação de diferentes grupos apoiados em símbolos e estilos próprios de cada grupo, mesmo que haja semelhança étnica, de classe, gênero e localidade.

Segundo Gonçalves (2014, p.60) a juventude precisa ser compreendida

como um processo de “construção que será diferente a partir de questões socioculturais”. A autora afirma ser relevante definir aspectos, tais como: “faixa etária, maturidade, critérios socioeconômicos, estilo de vida, setor da cultura” para que se possa delimitar esse conceito. À vista disso, justifica-se a necessidade da utilização do termo juventudes, no plural, uma vez que os jovens podem promover diferentes culturas, próprias e autônomas, de acordo com o contexto sociocultural que estão inseridos.

Dentro deste contexto ressalta-se a importância de considerar as múltiplas dimensões de identidade das juventudes, a saber: raça, gênero, orientação sexual, classe social, deficiência, entre outras. Neste sentido a abordagem interseccional pode contribuir para esta análise, pois ajuda a reconhecer que as identidades se entrelaçam e que as desigualdades enfrentadas por cada indivíduo podem influenciar múltiplos sistemas de opressão.

A interseccionalidade reconhece que as opressões não são experienciadas de forma isolada, mas estão interligadas e entrelaçadas. A perspectiva interseccional valoriza a importância de levar em consideração as experiências e identidades das pessoas em vez de categorizá-las de maneira simplista. Assim, este conceito tornou-se uma ferramenta importante para compreender as desigualdades sociais e para criar estratégias para combater a discriminação em todas as suas formas.

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2002, p.177 *apud* Assis, 2019, p. 20).

Akotirene (2019, p. 38) em seus estudos amplia a perspectiva do conceito da interseccionalidade, ao apontar caminhos que permitem criar novas alternativas de ser e estar no mundo: “é uma ferramenta teórica e metodológica usada para pensar a inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. A teoria interseccional, permite o entendimento do contraste das estruturas do racismo, do capitalismo e do cisheteropatriarcado, do conflito identitário e das opressões vividas, a fim de combater as diversas opressões imbricadas, tornando-se, portanto, um instrumento de luta política.

Ao favorecer que as juventudes demonstrem suas habilidades e competências, abre-se o repertório para a potência das culturas juvenis, além de contribuir para a desmitificação que nesta fase evidenciam os problemas sociais, como se a

desestruturação social fosse uma escolha. Isto conforme Moraes (2017, p. 127) omite do Estado e de uma parte da sociedade “a verificação das carências de uma expressiva parcela da população”, posto que muitas das desigualdades sociais são frutos de um ciclo social e histórico.

Os estudos de Souza (2009, p. 32) quando preconiza sobre os letramentos de reexistência também podem contribuir para o desenvolvimento desta pesquisa. A autora caracteriza letramentos como de reexistência aqueles que mostram-se “singulares pois, ao capturar a complexidade social e histórica que envolve as práticas cotidianas de uso da linguagem, contribuem para a desestabilização do que pode ser considerado como discursos já cristalizados”. Portanto, desmitifica-se a ideia de que as práticas sociais do uso da língua só podem ser validadas quando estão organizadas no processo ensino-aprendizagem do contexto escolar formal.

À vista disso, o conceito de letramentos está para além das relações entre as habilidades de ler e escrever, em virtude da necessidade de se considerar diferentes valores e manifestações que o letramento pode assumir em grupos distintos, a depender do contexto em que o sujeito está inserido. Kleiman (1998, p. 11) completa esta proposta ao dizer que letramentos correspondem a um “conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e de poder”. Dessa forma, ao identificar as potencialidades dos jovens a partir de projetos de leitura, contribui-se para a constituição de redes de sociabilidade, partilha e cooperação, nas quais a cultura emerge de forma plural, assim como a juventude que sempre se apresenta de forma plural e heterogênea.

Espera-se que todo esse percurso possa dar visibilidade às juventudes e suas potências socioculturais, a ponto de promover discussões sobre a importância de oportunizar o protagonismo juvenil, difundir a cultura desses jovens e legitimar suas linguagens. Os estudos podem levar a uma compreensão mais profunda dos processos cognitivos, linguísticos, culturais e sociais dos projetos de leitura desenvolvidos com jovens, e, conseqüentemente, promover novas perspectivas sobre as relações dos sujeitos entre si e com o meio sociocultural.

3 CONCLUSÃO

Acredita-se que a leitura literária cumpre sua função quando surpreende o leitor e ativa emoções neles. Os sentidos que a interpretação de um texto literário podem gerar são múltiplos e individuais. Yunes (2003, p. 49) nos diz que “a leitura é única, a cada vez, mesmo que seja para o mesmo leitor diante do mesmo texto. Ao vivermos, mudamos e mudamos nossa leitura, não se perde o vivido, mas se acrescenta o vivo, ao novo”.

A leitura promove nos leitores que se permitem, um turbilhão de sensações e emoções, a ponto de transformar ou reconstruir o que somos. Barthes (2010, p. 37) nos inspira quando fala “da morte do autor após o ponto final, contudo ele tem a oportunidade de ressuscitar a partir da ativação” de um leitor.

A leitura pode proporcionar reflexões individuais, coletivas e sociais, a ponto de contribuir não só para a formação dos sujeitos enquanto leitores, mas também cidadãos e possíveis agentes transformadores de suas realidades. Potencializar as informações do cotidiano das juventudes e oferecer espaços formativos, diversificados, representativos e renovadores pode ser um forte movimento para a disseminação da literatura e ressignificação de suas realidades.

Destarte, deseja-se que este estudo contribua para a identificação e partilha dos impactos que os projetos de leitura podem promover para a formação dos jovens, a ponto de reverberar mudanças não só nas suas vidas, como no contexto em que estão inseridos, principalmente relacionados aos aspectos sociais e políticos.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Dayane N. Conceição de. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 152p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamilia Ribeiro).
- BARBIER, Rener. **A pesquisa-ação**. Brasília: Liber Livro, 2007.
- BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CANDIDO, Antonio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro sobre Azul /Duas Cidades, 2004.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Difel, 2002.
- CHARTIER, Roger. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 8, n. 21, aug. 1994, pp. 185-199.
- CRENSHAW, Kimberle. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. Revista Estudos Feministas, nº 1, 2002. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/KimberleCrenshaw.pdf>
- DARNTON, Robert. História da Leitura. In BURKE, Peter. (org). **A escrita da história: Novas Perspectivas**. SP. Editora da UNESP, 1992.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1993.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas,

2008.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. **Os Jovens em Círculos de Leitura: uma proposta para espaços alternativos**. 221 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. São Paulo: Edições Liberdade, 2011, pp. 108-120.

GROPPO, Luís Antonio. **Condição Juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológicas da juventude**. Revista Última Década. N. 33. 2010. P. 11-26

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ Monique. **Sociologia da Leitura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

KLEIMAN, Angela. Ação e mudança na sala de aula: uma nova pesquisa sobre letramento e interação. In: ROJO, R. (org.). **Alfabetização e letramento: perspectivas linguísticas**. Campinas: Mercado de Letras, 1998.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre a experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MORAES, Cândida Andrade de. **Educação Social e Políticas de Juventude no Brasil e em Portugal: experiências de jovens afrodescendentes**. 212 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. **Letramentos de reexistência: culturas e identidades no movimento hip-hop**. 2009. 219f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2009.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa ação**. São Paulo: Cortez, 2008.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.